

Excursão na Teologia Natural (Parte 22): O Argumento Moral 5/5

Seção 04 / Aula 22

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 20/09/2024, 18:15:03 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-03-09

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Retomada das objeções evolucionárias

Hoje vamos encerrar nossa discussão sobre o argumento moral para a existência de Deus. Na última vez, analisamos uma defesa da premissa (2) de que valores e deveres morais objetivos existem e respondemos a algumas objeções a essa premissa. Em particular, a objeção da psicologia evolutiva que afirma que, como nossas crenças morais são produto da evolução, e a evolução (ou seleção natural) visa a sobrevivência e não a verdade, não podemos ter confiança na verdade de nossas crenças morais e, portanto, não poderíamos estar justificados em acreditar na premissa (2). Respondi a isso de três maneiras. Primeiro, apontei que, na verdade, não há uma explicação sócio-biológica plausível e coerente para nossas crenças morais. Esse derrotador realmente não existe, e não devemos deixar que as pessoas nos enganem afirmando que ele existe. Em segundo lugar, apontei que a objeção assume que o ateísmo é verdadeiro e, portanto, é uma falácia circular.

Sim, se Deus não existe, então nossas crenças são moldadas por um mecanismo que não visa a verdade, mas apenas a sobrevivência. Na verdade, essa é a primeira premissa do argumento – se Deus não existe, valores e deveres morais objetivos não existem. Mas o ateu não pode estar justificado em simplesmente assumir que, portanto, Deus não existe. Se Deus existe, então ele pode muito bem guiar o processo evolutivo para que cheguemos a crenças morais que, em sua maioria, são verdadeiras, além de promoverem a sobrevivência. Portanto, a objeção de que nossas crenças morais evoluíram – elas visam a sobrevivência, não a verdade – pressupõe a verdade do ateísmo, e isso é uma falácia circular. Finalmente, em terceiro lugar, argumentei que a objeção é, em última análise, autodestrutiva. Todas as nossas crenças no naturalismo são produto da evolução e, portanto, são selecionadas por seu valor de sobrevivência, não por sua verdade. E isso incluiria a crença no próprio naturalismo.

Portanto, a objeção é autodestrutiva – ela contém em si mesma seu próprio derrotador. Você não pode ser racional ao afirmar o naturalismo, porque se o naturalismo estiver correto, todas as suas crenças são pouco confiáveis, incluindo a sua crença no naturalismo. Isso é, claro, o famoso argumento evolucionário contra o naturalismo de Alvin Plantinga. Portanto, não acho que a objeção à segunda premissa da sócio-biologia ou psicologia evolutiva seja uma boa objeção.

Experiência subjetiva e realidade objetiva

Bem, terminamos nossa aula da última vez falando sobre uma objeção ou uma preocupação que Michele levantou com base na subjetividade de nossa experiência moral. Como nossa experiência moral é, por definição, subjetiva, isso não significa que valores e deveres morais são subjetivos? E eu sugeri que isso não se segue. Minha experiência do mundo físico ao meu redor é subjetiva – sentir certas coisas, ver certas coisas, ouvir ou cheirar certas coisas. Essas são todas experiências subjetivas. Mas isso não significa que o mundo externo de objetos que experimento seja, portanto, subjetivo. O objeto da experiência pode ser objetivo, real e independente da mente, mesmo que a experiência em si seja, por definição, subjetiva.

A carta do transcritor

Quero compartilhar com vocês uma carta que recebi no dia seguinte à nossa aula de Defensores. Quero enfatizar que esta carta não vem de um iniciante – um novato. Ela vem do homem que é responsável por transcrever todos os nossos podcasts dos Defensores. Ele tem feito isso há anos. Ele transcreveu todos os Defensores 2 e, a cada semana, faz outra aula no Defensores 3. Então, esta é uma pessoa que tem um bom domínio do material de apologética. Mas ouçam o que ele escreve. "Bill, só queria dar um feedback sobre os Defensores e sugerir que você adicione algo à sua apresentação da premissa (2) do argumento moral quando falar sobre isso no futuro para esclarecer um assunto confuso. Agora, perceba que eu li e ouvi seu material sobre isso inúmeras vezes ao longo dos anos. No entanto, tenho entendido isso de maneira errada há muito tempo, e de maneira semelhante à da Michelle. Tenho que acreditar que isso é algo sobre o qual muitas pessoas estão confusas.

Foi a confusão em equiparar as palavras 'experiência' e 'subjetivo' - especificamente em equiparar 'experiência moral' a 'moralidade subjetiva'. Mas a lâmpada finalmente se acendeu para mim quando ouvi você explicar isso da seguinte forma. Nunca ouvi você colocar dessa forma antes, talvez eu só tenha deixado isso passar. Você disse: 'Obviamente minha experiência é subjetiva. Isso é o que a experiência é! Mas o *objeto* da experiência não é, portanto, subjetivo.' Você só precisava dizer essas três frases, agora finalmente entendi! O que eu acho que precisava ser explicitamente explicado ao abordar a premissa (2) é essa distinção entre a experiência moral em si e o *objeto* dessa experiência. Está implícito na sua analogia com os cinco sentidos e o reino físico, mas para pessoas como eu, você tem que explicar claramente (risos).

Ver uma cadeira com meus olhos é tão 'experiência subjetiva' quanto sentir que o assassinato é errado - mas isso não significa que o *objeto* dessas experiências seja subjetivo (o assassinato é objetivamente errado, assim como a cadeira é objetivamente real, mesmo que eu tenha tido uma experiência subjetiva de ambos). Tudo faz sentido agora. Saber disso também ajudou com a analogia da "Terra plana" que Michelle mencionou. Finalmente percebi que não era uma questão sobre subjetivo vs. objetivo, mas estava lidando apenas com crenças *incorretas* versus *corretas* sobre uma verdade objetiva. Assim como os terraplanistas tinham uma crença incorreta sobre a verdade objetiva de uma Terra redonda, assim também os traficantes de escravos do século XVIII tinham uma crença incorreta sobre a verdade objetiva de que a escravidão é errada. P.S.: diga a Michelle 'obrigado' por mim.

Espero que ela não sinta que estava fazendo uma pergunta que ninguém mais se importava - porque era a pergunta que eu estava esperando e a resposta foi definitivamente útil (pelo menos para mim). Isso resolve um problema persistente para mim, porque nunca 'entendi' totalmente até agora." Então, obrigado Michelle por levantar isso na aula. Isso só mostra que quando você tem uma pergunta, provavelmente é algo que outra pessoa também se incomoda. Então, não tenha medo de falar.

Discussão: culturas, punição e intencionalidade

Então, há alguma discussão final sobre a premissa (2)? Sua defesa e resposta às objeções a ela. Certo.

Aluno(a): Dr. Craig, é interessante que o caractere chinês para “alma”^[2] seja “Demônio-diz”, – dois caracteres: “demônio” e “diz.” Isso nos dá uma compreensão de que a queda do homem quando comeram o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal . . . nossa alma se realinhou de “Deus diz” para “Demônio diz.” Tudo se resume a questões de alinhamento – nossa subjetividade e a verdade objetiva são uma questão de alinhamento. Dr. Craig: Muito bem. Isso foi bem colocado. Nossas crenças subjetivas podem estar desalinhadas, não é mesmo? Ou podem estar corretamente alinhadas com a verdade objetiva sobre esses assuntos, que é fornecida pelo próprio Deus – sua natureza e seus mandamentos que expressam essa natureza. Certo, vamos para o David aqui.

Aluno(a): É interessante que isso tenha sido mencionado porque eu queria fazer uma pergunta sobre a história da humanidade. Sabemos que a humanidade está separada em diferentes culturas e coisas assim. Hoje, quando encontramos tribos em outros países, descobrimos que certos atos que praticam são horríveis, como, por exemplo, tribos que praticam canibalismo, certo? E coisas assim. Eu queria fazer essa pergunta. Se nos separamos tanto mas acreditamos que os valores morais objetivos existem, então acho que você respondeu minha pergunta. Temos uma experiência subjetiva desses valores morais, então, portanto, diferentes culturas estão desalinhadas corretamente com esses valores.^[1] Então, portanto, diferentes culturas estavam desalinhadas corretamente. Dr. Craig: Isso mesmo. E não faz parte do argumento moral afirmar que nossas faculdades morais são infalíveis, assim como nossas faculdades sensoriais também não são infalíveis. Você vê água na estrada à frente em um dia quente e acaba sendo uma miragem.

O graveto no jarro de água parece dobrado, mas você sabe que não está. Existem ilusões ópticas e auditivas. Portanto, não faz parte do argumento moral dizer que nossas percepções morais são infalíveis. Isso é especialmente verdadeiro quando pensamos na pecaminosidade e na queda do homem. Não é de se surpreender que as pessoas se envolvam em práticas perversas dada sua alienação de Deus e seu distanciamento dele. No entanto, fui informado por antropólogos que a semelhança dos códigos morais entre os povos do mundo é realmente bastante impressionante. Eles podem diferir nas maneiras como esses valores fundamentais se expressam culturalmente, mas na raiz há uma grande dimensão de semelhança. Pegue o canibalismo, por exemplo. Pelo que me foi dito, tribos na Nova Guiné, por exemplo, que praticam canibalismo concordam com a ética cristã de que você deve amar o seu próximo como a si mesmo. Portanto, eles nunca canibalizariam um membro de sua própria tribo. Mas eles simplesmente não consideravam as pessoas de outras tribos como vizinhos.

Esses eram estrangeiros ou estranhos, e, portanto, podiam ser sujeitos ao canibalismo. Eles eram inimigos. Mas havia o valor subjacente de amar o próximo como a si mesmo. Da mesma forma, um valor como a modéstia é provavelmente universal, mas em algumas culturas, uma mulher ficar com os seios à mostra não é imodesto, mas em outras, apenas mostrar seus braços é considerado imodesto ou mostrar seus lóbulos das orelhas é imodesto. Portanto, pode haver diferentes expressões culturais de semelhanças subjacentes, eu acho.

Aluno(a): Outra coisa é que, a respeito . . . temos que muitas culturas ou muitos lugares compartilham semelhanças em sua moral, mas e quanto à punição quando elas vão contra essa moral? Por exemplo, em alguns países, se alguém assassina, é condenado à morte. Mas em países como aqui, pode-se ser condenado à morte ou pode-se ficar preso por cinquenta anos ou coisas assim, certo? Em outros países, em alguns países muçulmanos, por ser imodesto, você recebe uma punição severa, mas aqui, que é mais liberal, não se recebe nenhuma punição. Dr. Craig: Isso é obviamente um reflexo das diferentes conceituações das pessoas sobre o que constitui justiça e o que seria uma punição adequada para o crime. Eu diria, no entanto, e aqui está um alerta, especialmente na sociedade ocidental, muitas pessoas abandonaram totalmente a ideia de justiça retributiva. Quando um criminoso é punido, não é para pagar por seu crime. É para reformar seu caráter para que ele melhore, ou é para isolá-lo na prisão para que não possa ferir mais ninguém.

Mas o propósito da punição não é retributivo. Isso obviamente afetaria o tipo de punição que seria aplicada a diferentes tipos de criminosos.

Aluno(a): Algo que aprendi lendo Tomás de Aquino e os escolásticos: a experiência não existe em um vácuo. Não é como se você tivesse experiência pura e simples. A experiência é sempre experiência de algo. É essencialmente intencional. Ela é direcionada para fora. Então, quando você está tendo uma experiência moral, o que você está experimentando? Você já está apontando para fora. Parece que a própria afirmação de experiência moral parece implicar algum tipo de . . . se você não acredita em valores morais objetivos, o que você está experimentando? Dr. Craig: Sim, o que você está experimentando? Note a palavra que ele usou – intencionalidade. Esse é um termo técnico que vale a pena adicionar ao seu vocabulário se você ainda não o conhece. Esta é a “direção” ou “orientação” de algo. Pensamentos têm intencionalidade. Posso pensar “em” minha esposa, ou posso pensar “sobre” minhas férias de verão. O ponto dele é que a experiência subjetiva exibe intencionalidade também – é uma experiência de algo mais.

Portanto, há um objeto dessa experiência.

Discussão sobre evolução e altruísmo

Aluno(a): Eu só queria tocar na ideia de que a evolução causou a fibra moral dentro do ser humano. Parece-me que, se realmente estamos dizendo que a sobrevivência do mais apto é a origem de nosso padrão moral, não parece fazer sentido. Por exemplo, em certas espécies de peixes, eles comem seus filhotes como um meio de sobrevivência. Na verdade, isso ajuda a população dos peixes. Mas não consigo pensar em nenhum exemplo em cultura humana onde eles comeriam seus filhotes como um curso normal dos eventos diários. Parece apenas que há tantos exemplos onde, se você está olhando apenas para a sobrevivência do mais apto, muitos comportamentos seriam a "norma" que não são a norma. Dr. Craig: Sim.

Aluno(a): E isso apenas aponta novamente para algo além desse objetivo de sobrevivência. Dr. Craig: Sim, acho que você está certa ao desafiar isso. No artigo que citei de Jeffrey Schloss, ele examina particularmente as explicações evolucionárias do altruísmo, onde alguém realiza um ato de auto-sacrifício por uma pessoa ou organismo que não é sua própria progênie e, portanto, não tem nenhum interesse evolutivo nisso. No entanto, o altruísmo evoluiu entre os seres humanos. Então, como você explica isso em termos puramente evolucionários? Jeff diz que não há explicação na literatura que explique efetivamente o valor do altruísmo.

Aluno(a): Eu realmente acho que na maioria das culturas, se uma mãe morre, é comum outra mulher assumir as responsabilidades da mãe e não apenas deixar o bebê morrer. Dr. Craig: Isso seria um comportamento altruísta porque ela não tem nenhum investimento genético no filho dessa outra mulher.

Aluno(a): Na verdade, seria um grande fardo, como todos sabemos. Dr. Craig: Certo. Exatamente. Na verdade, impõe um fardo a ela. Isso é verdade. Certo. Mais algum comentário sobre essa segunda premissa?

A conclusão do argumento moral

Certo, bem, então vamos tirar nossa conclusão. Das duas premissas do argumento, segue-se que Deus existe. O argumento moral complementa os Argumentos da Contingência, Cosmológico e do Design, revelando a natureza moral do Criador e Designer do universo. Ele nos dá um ser pessoal, necessariamente existente, que não é apenas perfeitamente bom, mas cuja natureza é o padrão de bondade e cujos mandamentos constituem nossos deveres morais. Portanto, ele realmente completa o caso em favor do teísmo de uma maneira que os outros argumentos não fazem. Tenho que dizer que, em minha experiência, o argumento moral é provavelmente o argumento mais eficaz para a existência de Deus. E digo isso um tanto a contragosto, porque meu favorito é o argumento cosmológico. Mas o fato é que os argumentos cosmológicos e teleológicos realmente não tocam as pessoas onde elas vivem.

Você pode ignorar ou deixar de lado as evidências cosmológicas para o início do universo ou o ajuste fino do universo, mas o argumento moral, por outro lado, não é tão facilmente ignorado. Todos os dias, você se levanta e responde pela forma como trata outras pessoas se você acha que existem valores e deveres morais objetivos. É uma questão inevitável. Em resposta à pergunta com a qual começamos algumas semanas atrás – podemos ser bons sem Deus? – acho que a resposta é “não.” Não podemos realmente ser bons sem Deus, mas se podemos, em alguma medida, ser bons, então segue-se logicamente que Deus existe. Algum comentário final sobre o argumento moral?

Aluno(a): Eu gostaria de tentar apontar que parece que o argumento moral . . . nossa obrigação é o caráter e a natureza de Deus. Portanto, para ele ser justo, ele precisa fazer um caminho para nós . . . porque você não responsabilizaria alguém por ser algo que ele não é. Isso é o que ele está fazendo com a natureza caída. Portanto, para ele ainda manter a obrigação moral, significa que ele providenciou uma maneira para que possamos participar de sua natureza e sermos transformados. Dr. Craig: Acho que isso tem conexões íntimas com a doutrina da salvação e a doutrina da expiação, onde as exigências da justiça de Deus precisam ser satisfeitas, mas também seu amor, que traria a reconciliação.

A crítica de Scharp e os argumentos dedutivos

Agora, em nossos minutos finais, deixe-me dizer algo sobre a crítica que o professor Scharp ofereceu na Universidade Estadual de Ohio aos meus argumentos para a existência de Deus. Foi uma crítica muito estranha, porque na maior parte ele não atacou nenhuma das premissas dos argumentos. Em vez disso, o que ele argumentou foi que todos os argumentos – todos os dez ou algo assim – sofrem do que ele chamou de “fraqueza.” Ou seja, eles não inspiram confiança suficiente para acreditar em Deus. Não era que eles tivessem premissas falsas ou fossem ilógicos, é apenas que são fracos. Eles não lhe dão confiança suficiente para acreditar em Deus. Agora, por que ele pensava isso? Tinha a ver com os critérios que eu dou para o que constitui um bom argumento dedutivo. Alguém se lembra do que eu disse que são os critérios para que um argumento dedutivo seja bom? Certo. Aqui.

Aluno(a): Você descreveu como não estava procurando que ele fosse absolutamente 100% garantido por todos que isso é absolutamente verdade. Apenas que fosse mais plausível do que implausível. E as premissas tinham que seguir. Dr. Craig: Tinham que o quê?

Aluno(a): Tinham que seguir, como tinham que seguir seu, argumento. Dr. Craig: OK, muito bom. Excelente. Um bom argumento dedutivo precisa ser logicamente válido, isso quer dizer, das premissas (1)... (2)..., a conclusão (3), segue pelas regras da lógica. Em segundo lugar, as premissas precisam ser mais plausíveis do que não. As premissas precisam ser mais plausíveis do que a negação dessas premissas. Se essas condições forem atendidas, então eu disse que você tem um bom argumento. Scharp atacou isso dizendo: "Suponha que as premissas sejam mais plausíveis do que não, então elas lhe dão 51% de confiança na verdade das premissas. Isso não é suficiente para inspirar confiança em acreditar em Deus. Se você tem apenas 51% de confiança de que Deus existe, isso não é suficiente para acreditar em Deus. Portanto, os argumentos são todos muito fracos, em sua visão, mesmo que sejam bem-sucedidos."

Probabilidade e força dos argumentos

O que há de errado com essa resposta? Algumas coisas. Quando eu disse que, para um argumento ser bom, ele precisa ser logicamente válido e suas premissas precisam ser mais plausíveis do que não, eu estava estabelecendo um mínimo para que um argumento seja bom. Eu não estava de forma alguma sugerindo que os argumentos que ofereço têm premissas que são apenas 51% prováveis. O que estou dizendo é que eles são pelo menos isso. Eu diria que essas premissas, em muitos casos, são extremamente prováveis. Portanto, isso apenas estabelece um limiar inferior para a qualidade de um argumento. Mas não se trata de premissas que são apenas 51% prováveis. Pense na premissa de que “se o universo começou a existir, o universo tem uma causa transcendente.” Acho que isso é 100% provável. Isso tem uma probabilidade de 1, eu diria. Eu não conseguia imaginar por que ele pensava que eu estava fazendo algo mais do que estabelecendo um mínimo para que o argumento seja bom.

Além disso, e aqui está o segundo ponto, em um argumento dedutivo, a probabilidade das premissas tomadas em conjunto^[4] não é igual à probabilidade da conclusão. Em vez disso, a conclusão será pelo menos tão provável quanto as premissas. Ela será igual ou maior do que a probabilidade das premissas. Mesmo que as premissas sejam apenas 51% prováveis, isso não significa que a conclusão seja apenas 51% provável. Significa que a conclusão é pelo menos 51% provável. Eu diria que, nos argumentos que dei, é consideravelmente mais do que isso.

Discussão: o caso cumulativo

Algum comentário ou pergunta sobre essa resposta? Drew.

Aluno(a): Eu sei que, ao argumentar na Internet, acho que as pessoas que são realmente comprometidas de maneira dogmática com uma posição podem encontrar alguma maneira de harmonizar, alguma forma de absolutamente forçar os fatos a se ajustarem à sua cosmovisão. Você pode, é claro, recorrer a alguma harmonização ad hoc extrema. Mas isso não salva o seu argumento. Isso não significa que você está certo ou que foi provado que você está correto. As pessoas simplesmente não entendem isso. Dr. Craig: Acho que você está absolutamente certo. O que foi estranho para mim é que ele realmente não contestou a coerência de nenhum dos argumentos. Na opinião dele, parece-me que eu demonstrei que é pelo menos 51% provável que Deus exista. Aqui está um ateu que pensa que é provável que Deus exista. O título do debate era “Há evidências para Deus?” A resposta seria “sim”, e ele admitiria isso. Foi realmente estranho. Sim. Bruce! Aqui.

Aluno(a): Duas coisas. Você poderia provavelmente acrescentar ao bom argumento o seu valor explicativo, o que aumentaria as probabilidades. Dr. Craig: Acho que isso seria relevante para um argumento indutivo, mas aqui estou falando de um bom argumento dedutivo. Acho que isso é tudo que você precisa para que um argumento dedutivo seja bom. Se você tem essas duas coisas, então deve aceitar a conclusão.

Aluno(a): A segunda coisa seria: então ele está com menos de 50% para acreditar que você deve ser ateu. Dr. Craig: Sim, isso mesmo. O ateísmo é improvável na visão dele. O ateísmo é provavelmente falso.

Aluno(a): Acho interessante – não disse que ele é professor de filosofia? As coisas simples que você apontou quanto a um argumento dedutivo são basicamente o padrão. Isso é com pessoas que estão em filosofia de qualquer forma, seja um cristão ou não. Acho que é por isso que tantos filósofos não cristãos respeitam seus argumentos e a maneira como eles têm que atacar suas premissas, porque se suas premissas forem verdadeiras, então segue-se. Dr. Craig: Sim.

Aluno(a): Ele basicamente diz que a filosofia não é, certo. Dr. Craig: Esses não são critérios estranhos. Esses são, como você disse, os tipos de critérios padrão.

Aluno(a): Basicamente ele está atacando seu próprio campo. É o que parece para mim. Dr. Craig: Acho que ele me entendeu mal. Não posso provar isso, mas acho que ele não entendeu que eu estava estabelecendo um mínimo para que o argumento fosse bom. Ele pensou que eu estava afirmando que meus argumentos têm premissas que são meramente mais plausíveis do que não. Mas, obviamente, uma premissa pode ser mais plausível do que não, sendo 70%, 80%, 95%. Todas essas atendem ao padrão.

Aluno(a): Eu sei que há alguns estatísticos aqui, que poderiam falar melhor sobre isso, mas para mim, você não está baseando sua crença em Deus apenas em um desses argumentos. Dr. Craig: Oh, ótimo. Ótimo. E então...

Aluno(a): Sim, se um é 51. Mas vamos supor que fosse apenas 51%. E então você adiciona outro que é 51%. Agora você está com talvez 75%. Um terceiro, você está com 85%. Quando chegamos a dez argumentos, estamos com 99,9999%.^[3] Dr. Craig: Você ouviu o que ele está dizendo? Eu não pensei nisso durante o diálogo, então não disse. Mas depois, isso é

exatamente certo, e me ocorreu. Timothy McGrew, que é professor de filosofia na Universidade de Western Michigan, enfatiza que mesmo argumentos dedutivos que, digamos, tornam a existência de Deus 20% provável (isso é tudo, apenas 20%), se você acumular esses argumentos – 20%, 15%, 30%, 35% – logo, como você disse, a probabilidade cumulativa desses argumentos independentes é bem acima de 50%. E é assim que um caso cumulativo é construído em um tribunal de justiça, não é? Nenhuma peça única de evidência pode ser suficiente para condenar além de qualquer dúvida razoável, mas quando você reúne todas as evidências cumulativas, então pode ser além de qualquer dúvida razoável que o acusado é culpado.

Então, o simples fato de que eu trouxe cerca de dez argumentos, cada um dos quais aumenta a probabilidade da existência de Deus, eu acho que torna muito plausível pensar que isso realmente lhe dá grande confiança de que Deus existe. Tudo bem, estamos sem tempo. Mas da próxima vez, vamos encerrar nossa discussão sobre teologia natural olhando para o famoso argumento ontológico para a existência de Deus.

Referências

Referido no corpo, sem obra/edição/página especificada.

Artigo retomado da aula anterior: referência completa em S04A21; esta aula não acrescenta nova nota bibliográfica.

Diálogo no Veritas Forum/Ohio State University mencionado pelo professor; sem link novo inventado.

Professor citado no corpo; obra específica não identificada.

Notas editoriais da revisão

[1] [A conferir] A construção paradoxal também aparece no EN local e no PDF p.200 (unaligned correctly). Foi preservada, inclusive sua retomada no PT, sem reconstruir intenção ou corrigir a fala como erro de tradução.

[2] [Certo: PT, EN local e PDF p.199] A explicação linguística é afirmação do aluno. Sem verificação especializada, não foi transformada em explicação editorial nem corrigida silenciosamente.

[3] [Certo: PDF p.205] Percentuais pertencem à ilustração oral do aluno. Não constituem cálculo editorial; a combinação de evidências exige hipóteses sobre independência e atualização que não são explicitadas nessa conta. Fala preservada.

[4] O professor se refere à probabilidade conjunta das premissas, conforme o PDF original, p.204. Essa formulação é distinta da probabilidade de cada premissa considerada individualmente.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-exkursus-on-natural-theology/exkursus-on-natural-theology-part-22>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-22/>